



A SAUDADE AMOROSA NA CANÇÃO BRASILEIRA: Um estudo exploratório (1927-1964)¹

Saudade - love and long in Brazilian lyrics: An exploratory study (1927-1964)

Adriano Roberto Afonso do Nascimento^a, Aline Souza Martins^b

^a Professor Adjunto, Departamento de Psicologia e Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG - Brasil, e-mail: nascimento@fafich.ufmg.br

^b Discente de Graduação, Curso de Graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG - Brasil, e-mail: alinesouza.martins@gmail.com

Resumo

O objetivo da investigação aqui relatada foi buscar mapear a utilização do termo saudade em um corpus formado por trechos de 458 letras de canções populares brasileiras compostas e/ou gravadas entre 1927 e 1964 e que possuíam como tema a relação amorosa. Tal corpus foi submetido à análise lexical realizada pelo software ALCESTE (*Analyse Lexicale par Context d'un Ensemble de Segments de Texte*). Como resultado desse procedimento, obtivemos a formação de cinco classes de formas reduzidas: a) saudade, sujeito movente; b) os porquês (a mulher, o tempo e o sentimento compartilhado); c) coração (onde moram o amor e a saudade); d) sonhar com teu corpo, esperar dia e noite e; e) a saudade em mim. Procurou-se, na discussão desses resultados, a elaboração de um esquema que pudesse captar a complexidade da dinâmica do amor e da saudade no amante saudoso, de modo a proporcionar uma possível chave interpretativa para futuros estudos sobre o tema.

Palavras-chave: Saudade. Análise lexical. Psicologia social.

Abstract

The objective of the investigation here reported was to map the usage of the "saudade" term (longing or yearning for lost or distant love) at a corpus formed by extracts of 458 popular Brazilian song lyrics composed and/or recorded from 1927 until 1964 and that had as main

¹ Pesquisa financiada com auxílio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

theme the love relationship. Such corpus was subjected to lexical analysis performed by ALCESTE (Analyse Lexicale par Context d'un Ensemble de Segments de Texte) software. Five reduced form classes were assembled as result of this procedure: a) longing for a moving subject; b) why? (The woman, the time, the shared feelings); c) heart (where love and longing live); d) to dream about your body, to wait day and night, and; e) saudade in me. The elaboration of a scheme capable of capturing the dynamic complexity of love and yearning for the loved one was attempted in the discussion of these results, in such a way as to provide a possible interpretative key for future studies on the subject.

Keywords: Longing. Lexical analysis. Social psychology.

INTRODUÇÃO

Dois dos mais conceituados dicionários da língua portuguesa apresentam as seguintes acepções para o vocábulo Saudade:

1. Sentimento mais ou menos melancólico de incompletude, ligado pela memória a situações de privação da presença de alguém ou de algo, de afastamento de um lugar ou de uma coisa, ou à ausência de certas experiências e determinados prazeres já vividos e considerados pela pessoa em causa como um bem desejável. (Houaiss & Villar, 2001, p. 2525).

S.f. 1. Lembrança nostálgica e, ao mesmo tempo, suave, de pessoas ou coisas distantes ou extintas, acompanhada do desejo de tornar a vê-las ou possuí-las; nostalgia. 2. Pesar pela ausência de alguém que nos é querido. (Ferreira, 1999, p. 1822).

Conforme esperado, reconhecemos, como falantes da língua portuguesa, os significados expostos. Entretanto, é necessário admitir que, para além das definições consolidadas na norma culta, certos vocábulos possam apresentar alguma variação de sentido quando empregados na fala cotidiana. Parece ser esse, como pretendemos mostrar, o caso do vocábulo saudade.

O objetivo do procedimento que aqui expomos é justamente o de tentar “mapear” a utilização do termo saudade em fragmentos de um dado *corpus*. Espera-se, por fim, que esse

“mapeamento” possa ser útil, também para outros pesquisadores, para a análise de um conjunto maior de dados sobre o tema.

Apresentaremos, a seguir, algumas informações sobre o tema-alvo e o corpus construído para a análise (amor, saudade, amor&saudade² na canção popular brasileira). Em seguida, descreveremos o procedimento utilizado para a análise desse corpus (software ALCESTE).

Amor

Seja em perspectivas que buscam o percurso da categoria/sentimento ao longo da história do ocidente (Rougemont, 2003; Flandrin, 1988; Del Priore, 2005), sua importância como geradora/objetivo de ações sociais públicas e privadas na contemporaneidade (Giddens, 1993; Bauman, 2004) ou os princípios psicossociais que regulam as relações interpessoais (Alferes, 2004; Brehm, 1985; García, 2002), o Amor tem sido objeto privilegiado de estudo das Ciências Humanas.

Apoiado em uma gama bastante diversificada de fontes e métodos, esse conjunto de estudos tem procurado responder um interesse mais geral das sociedades ocidentais sobre os processos psicológicos, sociológicos & históricos a regerem as interações denominadas amorosas. Mais do que propriamente informação sobre um determinado objeto, o que se tem disponibilizado, ainda que em muitos casos não seja esse o objetivo, é também, numa época de supervalorização de discursos especializados, um guia prático para as nossas

² Alguns autores (Nascimento & Menandro, 2005a; Antunes, 1983) têm insistido na necessidade de se tratar o tema da saudade evitando um aporte genérico, mas na vinculação direta com o seu objeto.

relações cotidianas. Acompanhando o reconhecimento da pluralidade das formas de amar ocidentais, esses estudos têm produzido uma profusão classificatória que, se por um lado auxilia na operacionalização de conceitos que permitem o tratamento analítico do tema, por outro lado tem que ser admitida, na comparação com as concepções e práticas concretas do amor, como um apanhado de tipos ideais, no sentido weberiano.

Essa tipologia, a partir da admissão da existência de certa relação, de correspondência ou de oposição, entre as formas cotidianas de se vivenciar o sentimento e a sua expressão, de modo recorrente se orienta por referências da literatura universal.³ Tem sido a partir desse acervo que também chegam até nós contemporâneos as referências tradicionais “amar/sofrer”, “paixão/morte” e “felicidade/ausência”.

Se é verdade que não se pode atribuir ao Amor um mesmo significado a atravessar diferentes contextos sócio-históricos, por outro lado continuamos a aprender a reconhecer nessa literatura enredos que denominamos no presente como característicos de uma história de amor (Costa, 1998). Talvez tenha sido mesmo a possibilidade desse reconhecimento, ao longo desses diferentes contextos, um dos fatores a contribuir para a sobrevivência da celebração do amor como “o mais nobre de nossos sentimentos” e, por seu caráter de possível desestabilizador da organização social, da constante vigília que sofreu no decorrer dos séculos (Del Priore, 1993; Carneiro, 2000; Harris, 1993).

Se a Igreja, a Medicina e o Estado, baseados em conceitos de pecado/higiene/patologia, esmeraram-se para regular, ao longo da história, as representações e práticas amorosas, o certo é que só parcialmente conseguiram alcançar seus objetivos.

Assim, parece também ser constante o fato de que, a despeito da norma, ou por causa dela, representações e práticas alternativas de amor sempre vicejaram, é claro que com diferentes intensidades, em diversos estratos de várias sociedades ocidentais (Ariès & Béjin, 1985; Vainfas, 1997; Esteves, 1989; Soihet, 1989). Também essas alternativas formas de amar deixaram, ainda que muitas vezes circulando nas sombras, vestígios em nossas produções culturais (Abreu, 2004; El Far, 2007).

Nessa interface cotidiano/produção cultural, o Romantismo, importante referência para as nossas formas de dizer/sentir/praticar o amor, a partir do final do Século XVIII, na esteira de uma crescente valorização da intimidade/individualidade, passa a ditar as regras do que poderia ser denominada como uma sensibilidade romântica (Leite, 2007; D’Incao, 1989). Fundamental para essa sensibilidade é, sem dúvida, a exacerbação de um certo tom nostálgico a matizar os homens e a natureza que os cerca. Especificamente para nós, brasileiros, é a saudade reconhecida como sentimento a partir do qual se poderia ler o mundo.⁴ Talvez devêssemos mesmo dizer que ela passa definitivamente a ser reconhecida de forma “oficial” como componente entre nós no que Vincent-Buffault (1988, p. 32) denomina, a partir de outro contexto, “código de comunicação sensível”.

Saudade

Tema frequente no discurso luso-brasileiro, o sentimento saudoso permeia ainda hoje relatos autobiográficos no nosso cotidiano e nas nossas produções culturais.

³ Nesse acervo composto por obras de diferentes épocas, se destacariam, entre outros, Tristão e Isolda (Bédier, 2006), Abelardo e Heloísa (2002), Mariana e Marquês de Chamilly (Alcoforado, 2007), Lancelot e Guinevere (Lancelot, 2007), Romeu e Julieta (Shakespeare, 1978).

⁴ É comum a identificação do vocábulo nostalgia como sinônimo exato de saudade. Entretanto, na esfera médico-militar, o termo Nostalgia surge em 1688, nomeando a patologia diagnosticada em integrantes das tropas europeias, particularmente suíças, em campanha militar e, portanto, distantes da terra natal (Davis, 1977). Nostalgia: do grego *Nostos* (terra, pátria) + *Algia* (dor ou aflição). Segundo Mansilla (1990), o termo alemão Heimweh, considerado como tradução possível tanto para Nostalgia quanto para Saudade, já estava em uso em 1592. A primeira definição de Saudade, no sentido estrito do termo, foi dada por Duarte Nunes Leão em 1606: “sendo saudade palavra que não se diz, somente referindo a pessoas, mas a cousas inanimadas. Porque temos saudade de ver a Terra em que nascemos, ou em que nos criamos, ou em que nos vimos em algum posto, ou prosperidade. Pelo que parece que mais lhe poderia quadrar esta definição, que é lembrança de alguma cousa com o desejo dela” (Leão, 1986/1606, p. 18). Segundo essa definição, pode-se considerar que, no início do Século XVII, a definição de Saudade já abarcava o sentido posterior dado ao vocábulo Nostalgia.

Questionando a argumentação mais corrente de que esse sentimento se relaciona a uma perspectiva escapista ou cristalizadora das lembranças, Nascimento e Menandro (2005a, p.15) afirmam que:

Mais do que uma fuga para um passado idealizado, ele permite ao sujeito saudoso, via comparação entre passado e presente, e conseqüentemente na forma como essa comparação abre perspectivas para um possível futuro, avaliar qualitativamente a sua própria história.

Em uma perspectiva que admite que tanto o sentimento saudoso quanto os objetos aos quais ele se vincula são negociados socialmente no cotidiano dos memorialistas, poderíamos passar a considerar a saudade também como categoria social, como propõe DaMatta (1993, p. 21). Assim, segundo esse autor,

Não são as experiências individuais e fragmentadas do amor, da viagem e da ausência que constituiriam a saudade, mas, em vez disso, é a existência social da saudade como foco ideológico e cultural, a permitir um revestimento especial de nossas experiências, que faz com que a sintamos. É a categoria que conduz a uma consciência aguda do sentimento, não o seu contrário.

Nas lembranças do homem comum, a vivência da saudade pode ser considerada como o resultado da “‘percepção individual de privacidade das lembranças’ aliada à ‘partilha social do sentimento’: saudades do *meu* tempo de menino, da *minha* terra etc.” (Nascimento & Menandro, 2005a, p. 16).

No nosso entender, para uma proposta que objetive investigar, como é o nosso caso, os sentidos atribuídos cotidianamente à saudade amorosa, possibilitando uma análise comparativa que leve em conta diferentes períodos históricos (a partir da manutenção e da inovação de conteúdos saudosamente recordados), parece-nos haver poucas fontes tão adequadas quanto a canção popular.

Amor e saudade na canção popular brasileira

No conjunto de estudos recentes que têm utilizado canções populares como fonte, as relações

amorosas são tema recorrente. Seja a partir da obra de um compositor ou intérprete específico (Matos & Faria, 1996; Matos, 1997; Fontes, 1999, Menezes, 2001; Menandro, Pereira, Amim & Santos, 2003; Alencar, 2006) ou de um conjunto mais diversificado de compositores e intérpretes (Beltrão Jr., 1993; Pederiva, 2000; Medina, 1973; Abreu, 2004; Gil, 2006; Paranhos, 2006), esses estudos têm mostrado tanto a existência de diferentes modelos de relacionamento amoroso em um mesmo período histórico quanto a manutenção de determinadas referências em um período maior de tempo. Entre essas referências, encontramos de forma consistente a relação amor/saudade (Dias, 1994; Matos, 1997). O forte vínculo entre a saudade e o amor tem sido recorrente também em trabalhos que procuraram investigar, a partir de letras de canções, o discurso saudoso relacionado a outros objetos, como a infância (Nascimento & Menandro, 2005b) e a mocidade/juventude (Nascimento, Barra & Januário, 2008).

MÉTODO

Foram transcritas integralmente 458 letras de canções populares, compostas e/ou gravadas entre 1927 e 1964, que fazem referência à saudade amorosa. Para o procedimento aqui relatado, selecionamos nas letras somente aquelas frases com o vocábulo saudade. Submetemos esse conjunto de frases à análise realizada pelo software ALCESTE (*Analyse Lexicale par Context d'un Ensemble de Segments de Texte*). Assim, cada uma dessas frases passou a representar uma Unidade de Contexto Inicial. Nossa intenção foi considerar somente o conjunto mais próximo de co-ocorrências de vocábulos associados diretamente à saudade.

O software ALCESTE

O uso do software ALCESTE tem sido recorrente em investigações da área de Psicologia Social, particularmente naquelas que utilizam o aporte da Teoria das Representações Sociais (ver, por exemplo, Kalampalikis, 2003; Alba, 2004; Menandro, Trindade & Almeida, 2005; Oliveira, Gomes & Marques, 2005). De forma mais geral, o objetivo do programa é identificar a co-

ocorrência de palavras em um conjunto de segmentos de texto e revelar o movimento discursivo entre as classes formadas a partir dessa co-ocorrência. Não se trata, portanto, de uma técnica de análise de conteúdo, ainda que os resultados desses dois procedimentos possam ser conjugados (Alba, 2004; Nascimento & Menandro, 2006).

Partindo de um corpus previamente construído (transcrição de entrevistas, obras literárias, material jornalístico, por exemplo), o programa, a partir de seus dicionários, gera uma lista de formas reduzidas (radicais comuns, verbos no infinitivo, uniformização de gênero e número) base para um processo de lematização (substituição das palavras originais no corpus por essas formas reduzidas).

Após essa etapa, há uma fragmentação das chamadas Unidades de Contexto Inicial-UCI (uma resposta, um capítulo de obra literária, uma matéria jornalística, por exemplo) em Unidades de Contexto Elementar-UCE (definidas pela quantidade de palavras e/ou por pontuação). Essas últimas formarão, no cruzamento com a lista de formas reduzidas, uma matriz onde serão anotadas a presenças (1) e ausências (0) das formas reduzidas com frequência maior do que 04 em todas as UCE geradas. O objetivo desse procedimento, denominado Classificação Hierárquica Descendente, é formar classes de vocabulário a partir de um índice de co-ocorrências de palavras nas mesmas UCE. Assim, como resultado desse procedimento, teremos um alto valor de co-ocorrência interna entre os vocábulos em uma mesma classe e, ao mesmo tempo, uma baixa (ou nula) co-ocorrência dos vocábulos que compõem diferentes classes.

A projeção no plano cartesiano do cruzamento dessas classes com as palavras plenas com frequência maior do que 08 gerará uma ilustração mais clara das relações de proximidade e afastamento do vocabulário das classes (Análise Fatorial de Correspondência).

A seguir, o programa gera uma listagem de UCE características para cada uma das Classes,

o que permite ver em que “contexto” aparece cada uma das formas reduzidas no interior dessas mesmas Classes.

Apresentaremos, a seguir, os resultados da Classificação Hierárquica Descendente, o conjunto de UCE características de cada uma das classes e a Análise Fatorial de Correspondência resultantes do tratamento do nosso *corpus*.

RESULTADOS

A análise lexical realizada com o auxílio do software ALCESTE gerou, a partir de 370 u.c.e. analisadas, 05 classes de formas reduzidas (Classificação Hierárquica Descendente, Figura 1).

A Classe 01 (40% das u.c.e.), denominada “Saudade, sujeito movente”, identifica o agrupamento das formas *lev+* ($x^2=16.73$)⁵ *acab+* ($x^2=15.24$), *mor+* ($x^2=13.99$), *vai+* ($x^2=13.87$), *chor+* ($x^2=13.53$), *part+* ($x^2=13.12$) e *volt+* ($x^2=13.12$).

A essa primeira classe associa-se a Classe 05 (“A saudade em mim”; 12% das u.c.e.), composta pelas formas reduzidas *sent+* ($x^2=108.19$), *pod+* ($x^2=61.47$), *sei* ($x^2=54.39$), *and+* ($x^2=38.54$) e *quer+* ($x^2=32.69$).

“Coração: onde moram o amor e a saudade” (Classe 03; 27% das u.c.e.) nomeia o conjunto de formas reduzidas *coracao* ($x^2=31.79$), *ilusao* ($x^2=22.38$), *aument+* ($x^2=19.53$), *amor+* ($x^2=18.95$), *record+* ($x^2=17.31$) e *sint+* ($x^2=14.82$).

Associada à Classe 03, a Classe 04 (12% das u.c.e.), denominada “Sonhar com teu corpo, esperar dia e noite”, agrupa as formas *sonh+* ($x^2=59.84$), *cheg+* ($x^2=44.77$), *bel+* ($x^2=37.55$), *esper+* ($x^2=37.55$), *vir+* ($x^2=37.55$), *olhos* ($x^2=35.51$) e *labios* ($x^2=29.96$).

A Classe 02 (“Os porquês: a mulher, o tempo e o sentimento compartilhado”; 09% das u.c.e.), que, por sua vez, se relaciona ao conjunto formado pelas Classes 03 e 04, agrupa as formas *mulher+* ($x^2=69.31$), *amar+* ($x^2=48.51$), *tempo+* ($x^2=47.39$), *gente* ($x^2=43.98$), *tenh+* ($x^2=43.59$) e *daquel+* ($x^2=38.86$).

⁵ O Q^2 indica a força de ligação das formas reduzidas às classes.

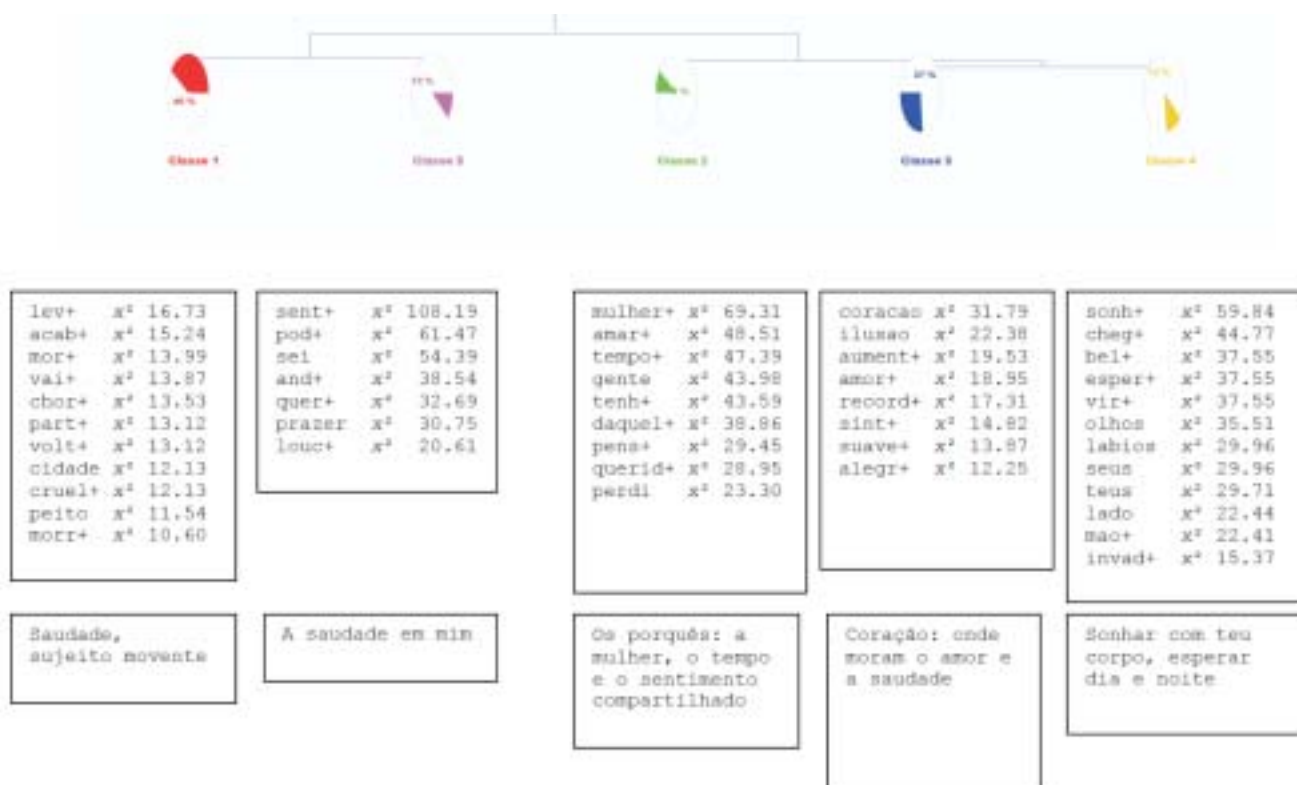


FIGURA 1 - Classificação Hierárquica Descendente

Transcrevemos abaixo algumas das Unidades de Contexto Elementar (UCE) características, que serviram, assim como as formas reduzidas apresentadas, para a nomeação das cinco classes.⁶

O primeiro conjunto de UCE características (Classe 01) possui como referência mais significativa o movimento:

- movimento do próprio sujeito;
- percepção da saudade como o que chamamos de sujeito movente. Entendida como algo que vem, vai, volta e/ou fica, a saudade pode, como sujeito distinto do memorialista, transformar-se finalmente em interlocutor.

já é demais, **vai**, saudade, **vai pra** nunca mais. **vai**, saudade, a **dor** que **trago** no **peito** já é demais. meu amor me abandonou, a saudade é que **ficou**.

($x^2=15$). Vai, Saudade. José Roy e Sérgio Falcão; 1951. Quarteto Ases e um Coringa⁷.

e a saudade a me martirizar, no meu **peito já veio morar** só pra me ver **chorar**. ($x^2=14$). Adeus. Dorival Caymmi; 1948/1960. Dorival Caymmi.

quem **partiu levou** saudade. quem **ficou** saudades tem. saudade, tu nunca **choraste** e, talvez, a ninguém tu amaste. ($x^2=13$). Adeus, Saudade. Kid Pepe e Raul Rezende; 1935. Mario Reis.

Nomeamos o segundo conjunto apresentado como “a saudade em mim”. Os trechos a seguir mostram o sofrimento como consequência da presença da saudade no sujeito que recorda.

⁶ Em negrito estão as palavras incluídas em cada uma das classes.

⁷ Título. Compositor(es); gravação original. Intérprete.

agora, a chorar-te **nesta** desilusão, arrependido a **sofrer** assim sem teu fulgor de mulher **procuro esquecer** e a saudade não **quer**. ($x^2=41$). A saudade não quer. Esmerino Cardoso e Orestes Barbosa; 1933. Francisco Alves.

bem **sei** que você também muito me **quer**, mas o destino, **procurando** desfazer nossa felicidade, **num** momento de **maldade** separou-nos e, hoje, **nesta solidão**, eu **sofro** esta saudade. ($x^2=41$). Saudade que maltrata. Antônio Elias e Osvaldo França; 1942. Nelson Gonçalves.

As UCE características da Classe 02 (“Os porquês: a mulher, o tempo e o sentimento compartilhado”) apresentam as causas da saudade: o amor que foi embora, a passagem do tempo e a inevitável saudade que há de chegar para todos os que amam.

tenho saudade, **digo** a verdade, de um amor que **passou**. Não há felicidade quando a **gente** vive presa a um amor **pela** saudade. ($x^2=33$). Tenho Saudades. Ary Barroso; 1931. Elisa Coelho.

quanto mais **passado** o **tempo**, mais amor, me lembro, mais saudade **tenho** mode a **gente** recordar dos amor **querido** que a **gente** quis bem. ($x^2=25$). Sá Mariquinha. Luiz Assunção e Eveneor P. Medeiros; 1950/1947. Jamelão.

fala, saudade, fala **daquela amizade** que eu **perdi** e nunca mais esqueci. ($x^2=22$). Fala, Saudade. Edu Rocha e Milton Legey; 1960. Coro.

Os vocábulos coração, amor e saudade apresentam uma alta co-ocorrência na lista de UCE características abaixo (Classe 03), o que expõe a concepção bastante conhecida do coração como morada do amor e, portanto, da saudade.

quando a **saudade** chegar e o luar vier **lembrar** toda a **história** deste nosso **amor**, hás de sentir dentro **do coração uma triste e suave** emoção. ($x^2=13$). Quando a saudade chegar. Cristóvão de Alencar e Paulo Barbosa; 1942. Carlos Galhardo

cai a tarde, tristonha e serena, em macio e **suave** largor, despertando no meu **coração a saudade do primeiro amor**. ($x^2=11$). Ave Maria. Erothildes de Campos e Jonas Neves; 1925/1927. Pedro Celestino.

O último conjunto de UCE características (Classe 04) conjuga referências ao corpo recordado da amada, envolto em sonho e no dia e noite da espera.

os lírios brancos **da felicidade vivem** tristonhos, murchos de saudade **ao ver** findar o **grande** amor de um **dia** que era tudo o que eu queria no ardor **da mocidade**. ($x^2=21$). Findou-se e nosso amor. Paraguassu; 1939. Paraguassu.

na **sombra** triste **da noite**, a **sonhar** com **os** seus lindos **olhos** a me olhar, **vem** o soluço **da** saudade e aflição. ($x^2=20$). Desolação. Serrinha; 1945. Serrinha e Caboclinho.

eu **vivo** no horror **desta** saudade **sonhando os beijos** longos que perdi. ($x^2=17$). Vidro vazio. Romualdo Peixoto e Orestes Barbosa; 1932. Silvio Caldas.

Apresentamos, a seguir, a projeção das formas reduzidas no plano cartesiano. Essa projeção permite a leitura dos resultados do ALCESTE segundo as relações de oposição e/ou complementaridade dessas mesmas formas (Figura 2, Análise Fatorial de Correspondência). No nosso caso, uma possível leitura relacional sugere uma diferenciação entre o vocabulário do agrupamento das Classes 01 e 05 e o das Classes 02, 03 e 04, a partir das referências “Eu e a saudade” e “Os outros”.

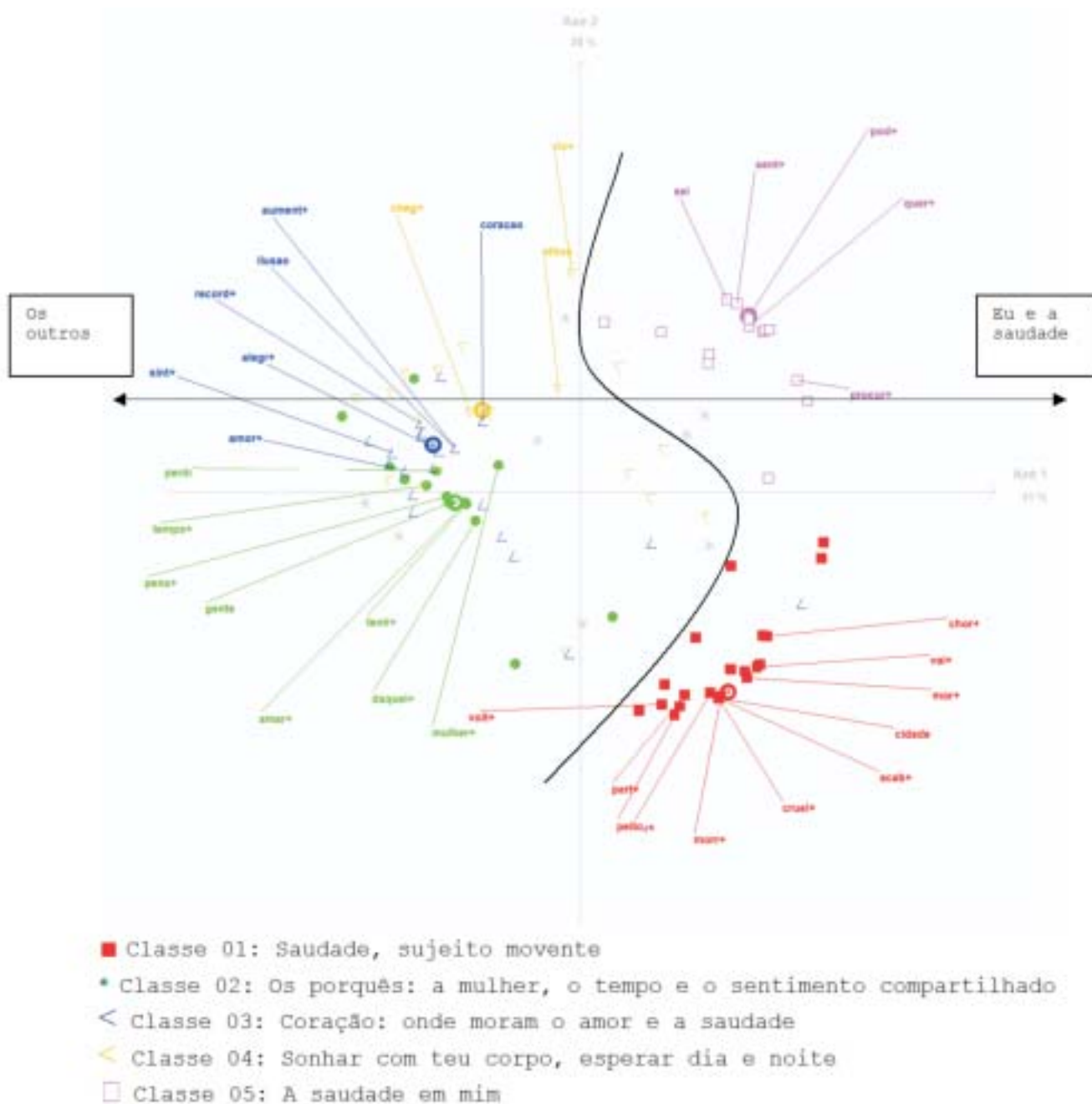


FIGURA 2 - Análise Fatorial de Correspondência

DISCUSSÃO

Os resultados acima apresentados mostram a utilização do termo *saudade* no *corpus* construído com trechos de letras de canções gravadas e/ou compostas entre 1927 e 1964

(particulariza essa utilização o objeto alvo, no nosso caso, o ser amado). Buscando uma leitura integrada do conjunto desses resultados, procuramos ilustrar de modo esquemático a dinâmica do amor e da saudade no amante, segundo as letras analisadas (Figura 3).

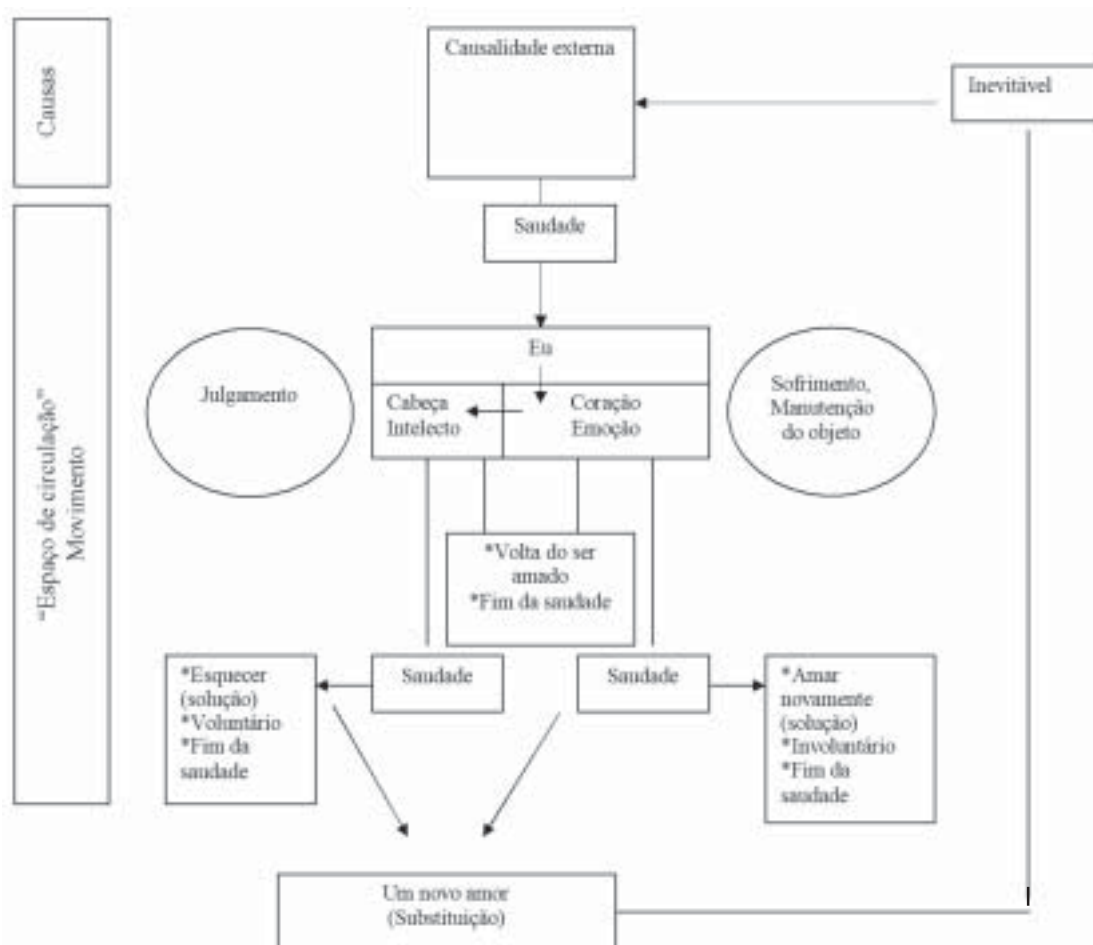


FIGURA 3 - Dinâmica do amor e da saudade no amante, segundo as letras analisadas

Como já haviam sugerido Nascimento e Menandro (2005a, p. 11), “a saudade não pode ser entendida simplesmente como falta de.” Só se justifica socialmente o sentimento saudoso quando este se encontra associado a um objeto “digno”, legítimo. A delimitação desse objeto, tanto quanto a particularização da categoria/sentimento a ele relacionado, dependem de um conjunto de elementos partilhados por um dado grupo social em um dado período. De forma mais explícita, necessitam ser entendidos como pertencentes a uma visão de mundo socialmente articulada, precisam fazer parte do código de comunicação sensível de uma época (Vincent-Buffault, 1988). É a dinâmica dos elementos que compõem de forma mais imediata esse código o que podemos acessar por meio do ALCESTE.

O que o conjunto de fragmentos que analisamos nos permite, de forma geral, entender sobre esse código? A partida do ser amado deixa, no

amante, um vazio. Essa é a situação mais comumente associada à chegada da saudade. Essa é a situação socialmente entendida como válida. De categoria/sentimento que visa reconhecer a importância do perdido, a saudade no corpus analisado ganha o status de sujeito autônomo. O vazio é preenchido pela saudade, que ocupa o lugar deixado pelo ser amado. Possuindo vontade própria, ela garante a manutenção da(o) amada(o) como lembrança e, ao mesmo tempo, machuca, faz sofrer, porque reafirma sua ausência.

A saudade ganha corporeidade no coração do saudoso. O ser amado se mantém na recordação de partes específicas do seu corpo (mãos, olhos, lábios). Assim, em ambos os casos, o sujeito que recorda e o que é recordado nunca se apresentam em sua totalidade. O saudoso é quase todo coração, a(o) amada(o) é uma lembrança dos toques e do olhar. No primeiro caso, trata-se da reposição da dicotomia Razão (julgamento) *versus* Emoção

(sofrimento, manutenção do objeto). No caso do sujeito saudoso, o que se observa é uma progressiva submissão do eu à saudade. Temos uma troca de oposições: o conhecido “eu&amada(o)” x “mundo” por “eu&saudade” x “os outros” (Rougemont, 2003; Giddens, 1993). Quanto ao ser amado, ficam as referências implícitas à sensualidade. Observe-se que, no período analisado, são raríssimas as referências desveladas ao ato sexual. Aqui temos uma indicação clara da não equivalência direta entre o vivido e o cantado, ou melhor, temos um indicativo da relação entre o que pode ser cantado considerando-se as normas sociais vigentes.

Entretanto, compostas e/ou gravadas em um período no qual a moral e os bons costumes exigiam dos enamorados a legitimação do vínculo amoroso pelo casamento, o amor nas canções analisadas é, sobretudo, instável, volátil, popular, cotidiano, inevitável (Esteves, 1989; Del Priore, 2005). Entende-se o amar como próprio da vida, entende-se a(o) amada(o) como provisória(o). Entretanto, consumidos pela saudade da(o) amada(a) atual, os sujeitos das canções detêm-se na agudeza do momento. Submetidos aos caprichos do coração, lamentam-se, sofrem, choram. Será preciso que o que ainda resta de julgamento em cada um deles (caráter voluntário) ou a própria vida (caráter involuntário) se encarregue de dar fim à saudade.

Há três formas de fazer com que a saudade saia do sujeito: a volta do ser amado (pela supressão do motivo), o investimento no esquecimento do outro (justificando-se conscientemente a necessidade do apaziguamento progressivo/enfraquecimento do sentimento) ou o apaixonar-se novamente. Aqui ganham relevo os dois outros porquês da saudade: a) a passagem do tempo, que pode tanto aumentar o sentimento quanto fazê-lo ir embora; e b) a inevitável saudade que chegará para todos os que amam. Quanto à passagem do tempo, é necessário resgatarmos seus sentidos mais gerais de declínio e queda já identificados em outros trabalhos que também se valeram de letras de canções para a análise da infância e da velhice (Nascimento & Menandro, 2005b; Nascimento, Barra & Januário, 2008). Articulam-se, assim, de maneira inapelável, o tempo, o viver e o sofrer. Entretanto, no *corpus* aqui analisado, a passagem do tempo também aparece como solução, podendo representar a possibilidade (ou a esperança) de que a lembrança do ser amado progressivamente se dissipe, bem como a saudade que ocupou seu lugar.

Como apontado acima, a volta do ser amado também daria fim ao sofrimento do amante. Também aqui prevalece o caráter involuntário da solução. Os sujeitos das canções analisadas não agem para que a(o) amada(o) retorne. Eles simplesmente esperam, esperam dia e noite e sonham com o seu regresso. Também é necessário observarmos que a volta do ser amado não livra o amante da possibilidade de perdê-lo novamente. Ela é, antes, um adiamento do estágio seguinte do ciclo inevitável amar, sofrer, amar...

É o caráter de inevitável o que justifica a dinâmica da relação entre o amor e a saudade no amante. A terceira solução para o fim da saudade, e para seu futuro retorno, é amar novamente. Também involuntária, essa substituição do sujeito amado reenvia o sujeito da canção ao início do ciclo que caracteriza o próprio entendimento do que é a vida amorosa. É da natureza do coração amar novamente. É inevitável que os sujeitos se submetam ao que dita o coração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que esse primeiro mapeamento da relação entre amor e saudade na canção brasileira pode ser útil para o tratamento de um tema recorrente tanto na nossa produção cultural quanto no nosso cotidiano. Optamos aqui pela busca do significado de saudade a partir das suas relações com outros termos a ela associados, pois julgamos necessário, para o entendimento do tema, captá-lo na dinâmica dos seus usos cotidianos.

REFERÊNCIAS

- Abelardo e Heloísa. (2002). **Correspondência de Abelardo e Heloísa**. (L. S. Martins, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original do Século XII).
- Abreu, M. (2004). Sobre mulatas orgulhosas e crioulos atrevidos: Conflitos raciais, gênero e nação nas canções populares (Sudeste do Brasil, 1890-1920). **Tempo**, **08**(16), 143-173.
- Alba, M. (2004). Mapas mentales de la Ciudad de México: Una aproximación psicosocial al estudio de las representaciones espaciales. **Estudios Demográficos y Urbanos**, **19**(1), 115-143.

- Alcoforado, M. (2007). **Cartas portuguesas**. Porto Alegre: L&PM. (Originalmente publicado em 1669).
- Alencar, M. A. G. (2006). Crimes da paixão: Valores morais e normas de conduta na música popular brasileira. *ArtCultura*, 8(13), 151-162.
- Alferes, V. R. (2004). Atracção interpessoal, sexualidade e relações íntimas. In J. Vala & M. B. Monteiro (Coord.). **Psicologia social** (6a ed., pp. 125-158). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Antônio Elias, & Osvaldo França. (1942). Saudade que maltrata [Nelson Gonçalves]. Victor 34896 [Meio de Gravação: disco 78rpm]. Rio de Janeiro: Victor.
- Antunes, A. (1983). **Saudade e profetismo em Fernando Pessoa**. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia.
- Ari Monteiro, & Geraldo Pereira. (1942). Ai! Que saudade dela [Quarteto Ases e um Coringa]. Odeon 12221 [Meio de Gravação: disco 78rpm]. São Paulo: Odeon.
- Ariès, P., & Béjin, A. (1985). (Org.). **Sexualidades ocidentais**. (L. A. Watanabe e T. C. F. Stummer, Trad.) Rio de Janeiro: Brasiliense. (Originalmente publicado em 1982).
- Ary Barroso. (1931). Tenho Saudades [Elisa Coelho]. Victor 33480 [Meio de gravação: disco 78rpm]. Rio de Janeiro: Victor.
- Bauman, Z. (2004). **Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos**. (C. A. Medeiros, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Bédier, J. (2006). **O romance de Tristão e Isolda**. (L. C. C. Costa, Trad.) (3a ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Original do Século XII, versão do Século XIX).
- Beltrão Jr., S. (1993). **A musa-mulher na canção brasileira**. São Paulo: Estação Liberdade.
- Brehm, S. S. (1985). Las relaciones íntimas. In S. Moscovici (Org.). **Psicología social** (pp. 221-236). (D. Rosenbaum, Trad.). Buenos Aires: Paidós. (Originalmente publicado em 1984).
- Carneiro, H. (2000). **A igreja, a medicina e o amor: Práticas moralistas da época moderna em Portugal e no Brasil**. São Paulo: Xamã.
- Costa, J. F. (1998). **Sem fraude nem favor: Estudos sobre o amor romântico**. Rio de Janeiro: Rocco.
- Cristóvão de Alencar, & Paulo Barbosa. (1942). Quando a saudade chegar [Carlos Galhardo]. Victor 34941 [Meio de gravação: disco 78rpm]. Rio de Janeiro: Victor.
- D'Incao, M. A. (1989). O amor romântico e a família burguesa. In M. A. D'Incao (Org.). **Amor e Família no Brasil** (pp. 57-71). São Paulo: Contexto.
- DaMatta, R. (1993). **Conta de mentiroso: Sete ensaios de antropologia brasileira**. Rio de Janeiro: Rocco.
- Davis, F. (1977). Nostalgia, identity and the current nostalgic wave. *Journal of Popular Culture*, 11(2), 414-424.
- Del Priore, M. (1993). **Ao sul do corpo: Condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia**. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: EdUnB.
- Del Priore, M. (2005). **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto.
- Dias, R. M. (1994). **As paixões tristes: Lupicínio e a dor de cotovelo**. Rio de Janeiro: Leviatã.
- Dorival Caymmi. (1948). Adeus. Eu não tenho onde morar [Meio de gravação: disco]. São Paulo: Odeon. (1960).
- Edu Rocha, & Milton Legey. (1960). Fala, Saudade [Coro: Gilberto Alves, Jorge Veiga, Roberto Silva, Carequinha, Arrelia, Caco Velho, Roberto Audi e Jairo Aguiar]. Carnaval de 1960 [Meio de gravação: disco]. Rio de Janeiro: Copacabana.
- El Far, A. (2007). Crítica social e idéias médicas nos excessos do desejo: uma análise dos "romances para homens" de finais do século XIX e início do XX. *Cadernos Pagu*, (28), 285-312.
- Erothildes de Campos, & Jonas Neves. (1925/1927). Ave Maria [Pedro Celestino]. Odeon 123085 [Meio de gravação: disco 78rpm]. São Paulo: Odeon.
- Esmerino Cardoso, & Orestes Barbosa. (1933). A saudade não quer [Francisco Alves]. Odeon 4617 [Meio de gravação: disco 78rpm]. São Paulo: Odeon.

- Esteves, M. A. (1989). **Meninas perdidas: Os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Ferreira, A. B. H. (1999). Saudade. In A. B. H. Ferreira. **Novo Aurélio século XXI: O dicionário da língua portuguesa** (3a ed., pp. 1822). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Flandrin, J. L. (1988). **O sexo e o ocidente**. (J. Prongin, Trad.). São Paulo: Brasiliense. (Originalmente publicado em 1981).
- Fontes, M. H. S. (1999). **Sem fantasia: Masculino-feminino em Chico Buarque**. Rio de Janeiro: Graphia.
- García, C. Y. (2002). **El amor desde la psicología social: Ni tan libres, ni tan racionales**. Madrid: Pirámide.
- Giddens, A. (1993). **A transformação da intimidade: Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. (M. Lopes, Trad.). São Paulo: UNESP. (Originalmente publicado em 1992).
- Gil, B. D. (2006). O amor no léxico de canções populares. **Estudos Lingüísticos**, 35, 402-411.
- Harris, R. (1993). **Assassinato e loucura**. Medicina, leis e sociedade no *fin de siècle*. (T. M. Rodrigues, Trad.). Rio de Janeiro: Rocco. (Originalmente publicado em 1989).
- Houaiss, A., & Villar, M. S. (2001). **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva.
- José Bezerra, & Norival Reis. (1954). Balaiero [Gilberto Alves]. Gilberto Alves – Série Bis (Cantores do Rádio) [Meio de gravação: CD]. Rio de Janeiro: EMI/Copacabana. (Compilação de 2000).
- José Roy, & Sérgio Falcão. (1951). Vai, Saudade [Quarteto Ases e um Coringa]. RCA/Victor 800857 [Meio de gravação: disco 78rpm]. Rio de Janeiro: RCA/Victor.
- Kalampalikis, N. (2003). L'apport de la méthode Alceste dans l'analyse des représentations sociales. In J. C. Abric (Org.). **Méthodes d'étude des représentations sociales**. (pp. 147-163). Paris: Érès.
- Kid Pepe, & Raul Rezende. (1935). Adeus, Saudade [Mario Reis]. Mario Reis – Gravações RCA-VICTOR, v. 3 [Meio de gravação: CD]. São Paulo: BMG. (Compilação de 2004).
- Lancelot. (2007). (R. C. Abílio, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original do Século XIII).
- Leão, D. N. (1986). Saudade. In: A. Botelho & A.B. Teixeira (Org.). **Filosofia da saudade** (pp. 18). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. (Originalmente publicado em 1606).
- Leite, D. M. (2007). **O amor romântico e outros temas** (3a ed.). São Paulo: UNESP.
- Luiz Assunção, & Eveneor P. Medeiros. (1947). Sá Mariquinha [Jamelão]. O Eterno Manguereense [Meio de gravação: CD]. Curitiba: Revivendo. (1950, compilação sem data).
- Mansilla, D. R. (1990). Acerca de la nostalgia. **Estudios Sociales**, 66(4), 11-29.
- Matos, M. I. S. (1997). **Dolores Duran: Experiências boêmias em Copacabana nos anos 50**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Matos, M. I. S., & Faria, F. A. (1996). **Melodia e sintonia em Lupicínio Rodrigues: O feminino, o masculino e suas relações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Medina, C. A. (1973). **Música popular e comunicação**. Petrópolis: Vozes.
- Menandro, M. C. S., Trindade, Z. A., & Almeida, A. M. O. (2005). Representações sociais da adolescência/juventude a partir de textos jornalísticos (1968-1974 e 1996-2002). **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, 55(1-2), 49-64.
- Menandro, P. R. M., Pereira, J. F., Amim, I. D., & Santos, S. M. (2003). Aspectos do relacionamento amoroso presentes em letras de músicas dirigidas à camada popular urbana. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, 54(1), 03-19.
- Menezes, A. B. (2001). **Figuras do feminino na canção de Chico Buarque** (2a ed). Cotia: Ateliê Editorial.
- Nascimento, A. R. A., & Menandro, P. R. M. (2005a). Memória social e saudade: especificidades e possibilidades de articulação na análise psicossocial de recordações. **Memorandum**, (8), 5-19. Recuperado em 02 abr. 2008, disponível <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos08/nascimenan01.htm>

- Nascimento, A. R. A., & Menandro, P. R. M. (2005b). Reinações de menino: A memória saudosa da infância na música popular brasileira. **Memorandum**, (9), 09-27. Recuperado 02 abri. 2008, disponível <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a09/nascimenan02.pdf>
- Nascimento, A. R. A., Barra, M. L. P., & Januário, F. S. (2008). Respeitem, ao menos, os meus cabelos brancos: Velhice e envelhecimento na canção brasileira (1927-2006). **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, 60(2), 198-211.
- Nascimento, A. R. A., Menandro, P. R. M. (2006). Análise lexical e análise de conteúdo: Uma proposta de utilização conjugada. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, 6(2), 72-88.
- Oliveira, D. C., Gomes, A. M. T., & Marques, S. C. (2005). Análise estatística de dados textuais na pesquisa das representações sociais: Alguns princípios e uma aplicação ao campo da saúde. In M. S. S. Menin & A. M. Shimizu (Org.). **Experiência e representação social: Questões teóricas e metodológicas** (pp. 157-200). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Paraguassu. (1939). Findou-se o nosso amor. Noite enluarada [Meio de gravação: CD]. Curitiba: Revivendo. (compilação sem data).
- Paranhos, A. (2006). Além das Amélias: Música popular e relações de gênero sob o "Estado Novo". **ArtCultura**, 8(13), 163-174.
- Pederiva, A. B. A. (2000). **Jovem Guarda: Cronistas sentimentais da juventude**. São Paulo: Nacional.
- Romualdo Peixoto, & Orestes Barbosa. (1932). Vidro vazio [Silvio Caldas]. Orestes Barbosa – o poeta nas vozes de Francisco Alves e Sylvio Caldas [Meio de gravação: CD]. Curitiba: Revivendo. (compilação sem data).
- Rougemont, D. (2003). **História do amor no ocidente** (2a ed.). (P. Brandi & E. B. Cachapuz, Trad). São Paulo: Ediouro. (Originalmente publicado em 1939).
- Serrinha. (1945). Desolação [Serrinha e Caboclinho]. Caboco bão [Meio de gravação: CD]. Curitiba: Revivendo (compilação sem data).
- Shakespeare, W. (1978). **Romeu e Julieta**. (F. C. A. C. Medeiros & O. Mendes, Trad.). São Paulo: Abril Cultural. (Originalmente publicado em 1597).
- Soihet, R. (1989). Mulheres ousadas e apaixonadas: Uma investigação em processos criminais cariocas (1890-1930). **Revista Brasileira de História**, 9(18), 199-216.
- Vainfas, R. (1997). **Trópico dos pecados: Moral, sexualidade e Inquisição no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Vincent-Buffault, A. (1988). **História das lágrimas (Séculos XVIII-XIX)**. (L. Marques & M. Gambini, Trad.). Rio de Janeiro: Paz e Terra. (Originalmente publicado em 1986).

Recebido: 17/03/2009

Received: 03/17/2009

Aprovado: 29/04/2009

Approved: 04/29/2009

Revisado: 03/08/2009

Reviewed: 08/03/2009